



Kawiré Imàn liderança *Tentehar**¹ / Guajajara _ Maranhão.

Elizabeth Maria Beserra*²

RESUMO

Este artigo aborda o protagonismo de um líder *tentehar*, *Kawiré Imàn*, que liderou uma das lutas mais significativas em defesa da sobrevivência étnica de seu povo. Isso ocorreu em 1901, no contexto de uma missão de frades capuchinhos, a Missão do Alto Alegre que, em sua ação catequizadora, tentava impor novos valores e modos de vida aos *Tentehar*. O “massacre do Alto Alegre” ficou conhecido como o maior massacre de brancos por índios na história do Brasil. *Kawiré Imàn* conduziu uma revolta que possibilitou ao povo *Tentehar* continuar lutando por sua liberdade.

PALAVRAS-CHAVE

Liderança *Tentehar*

Protagonismo

Kawiré Imàn

*¹ A grafia dos nomes *tentehar* foi inicialmente realizada por volta dos anos 1960 por missionários do Sumer Institute of Linguistic. Posteriormente, os próprios *Tentehar*, ao se formarem como professores indígenas, alteraram a grafia de muitos termos. Privilegio o uso dessa grafia, mas quando estiver citando outros autores, optarei por manter a grafia por eles utilizada.

Tentehar é a autodesignação que significa o ser verdadeiro. Guajajara é o termo utilizado pelos brancos para designar esse povo e que tem sido empregado também pelos *Tentehar*, especialmente os mais jovens.

*² Elizabeth Maria Beserra Coelho tem acompanhado o povo *Tentehar* como pesquisadora e como militante da Comissão Pró-índio do Maranhão desde os anos 1980. Em 1999, defendeu sua tese de doutorado sobre a disputa pela terra entre os *Tentehar* e os moradores dos povoados de brancos de Alto Alegre, São Pedro dos Cacetes e Centro do Meio, que foi publicada pela Hucitec em 2002.

introdução

Os *Tentehar*, falantes de uma língua classificada no tronco tupi, família guarani (RODRIGUES, 2002), estão em contato com os brancos desde que os franceses chegaram ao Maranhão, em 1612. Vivenciaram diversas estratégias de exercício da colonialidade, inicialmente por parte do Estado português e depois do brasileiro, sendo submetidos à escravidão, à servidão e utilizados como mão de obra barata. Estiveram sujeitos aos aldeamentos missionários, cabendo destaque ao dirigido pelos frades capuchinhos, que instituíram a Colônia Agrícola de Alto Alegre, da Missão São José da Providência, em 1897, cenário onde se desenrolou o protagonismo da liderança tentehar *Kawiré Imàn* (COELHO, 2002).¹

¹ Elizabeth Maria Beserra Coelho tem acompanhado o povo *Tentehar* como pesquisadora e como militante da Comissão Pró-Índio do Maranhão desde os anos 1980. Em 1999, defendeu sua tese de doutorado sobre a disputa pela terra entre os *Tentehar* e os moradores de povoados de brancos de Alto Alegre, São Pedro dos Cacetes e Centro do Meio, que foi publicada pela Hucitec em 2002.

Os *Tentehar* têm uma trajetória marcada pela resiliência e atualmente constituem o maior povo indígena que habita o Maranhão, sendo o 4º maior no Brasil. Organizam-se com base na família extensa, que é também sua unidade econômica. Suas aldeias variam de tamanho e possuem traçado semelhante aos dos povoados do interior. As casas assemelham-se às dos brasileiros que vivem nas redondezas de suas aldeias, sendo construídas em abobe e cobertas com palhas, em formato retangular. Conseguiram conservar sua língua e quase todos podem se comunicar, com relativa facilidade, em português.

O trabalho de Almeida² (2019) reforça a capacidade de luta do povo *Tentehar*. Corroborando com o que foi posto por Martins (2019), os *Tentehar* tentam manter o protagonismo nas relações sociais pela sagacidade que os caracteriza, buscando permanecer no centro do palco das relações interétnicas, seja com os brancos, seja com outros índios. O autor aponta

² Emerson Rubens Mesquita Almeida pesquisa os *Tentehar* desde sua graduação em Ciências Sociais, na UFMA, em 2009. Recentemente (2019), defendeu sua tese de doutorado na UnB, analisando relacionamento interétnico do povo indígena *Tentehar* do Maranhão com brancos e outros povos indígenas. Parte de categorias nativas, como *irairakatu*, que quer dizer *bom de fazer coisas, talentoso, disposto, habilidoso*, e a expressão *ukwawkatu*, que os *Tentehar* traduzem como *aquele que sabe; que é sabido ou sábio*, ou ainda *aquele que acumulou conhecimento*, para desenvolver a categoria analítica sagacidade buscando dar conta do esforço dos *Tentehar* em sobreviver e ocupar lugar de destaque nas relações interétnicas.

como a sagacidade opera manejando aspectos espirituais na vida cotidiana. É uma sabedoria que faz parte da noção do que é ser um verdadeiro tentehar.

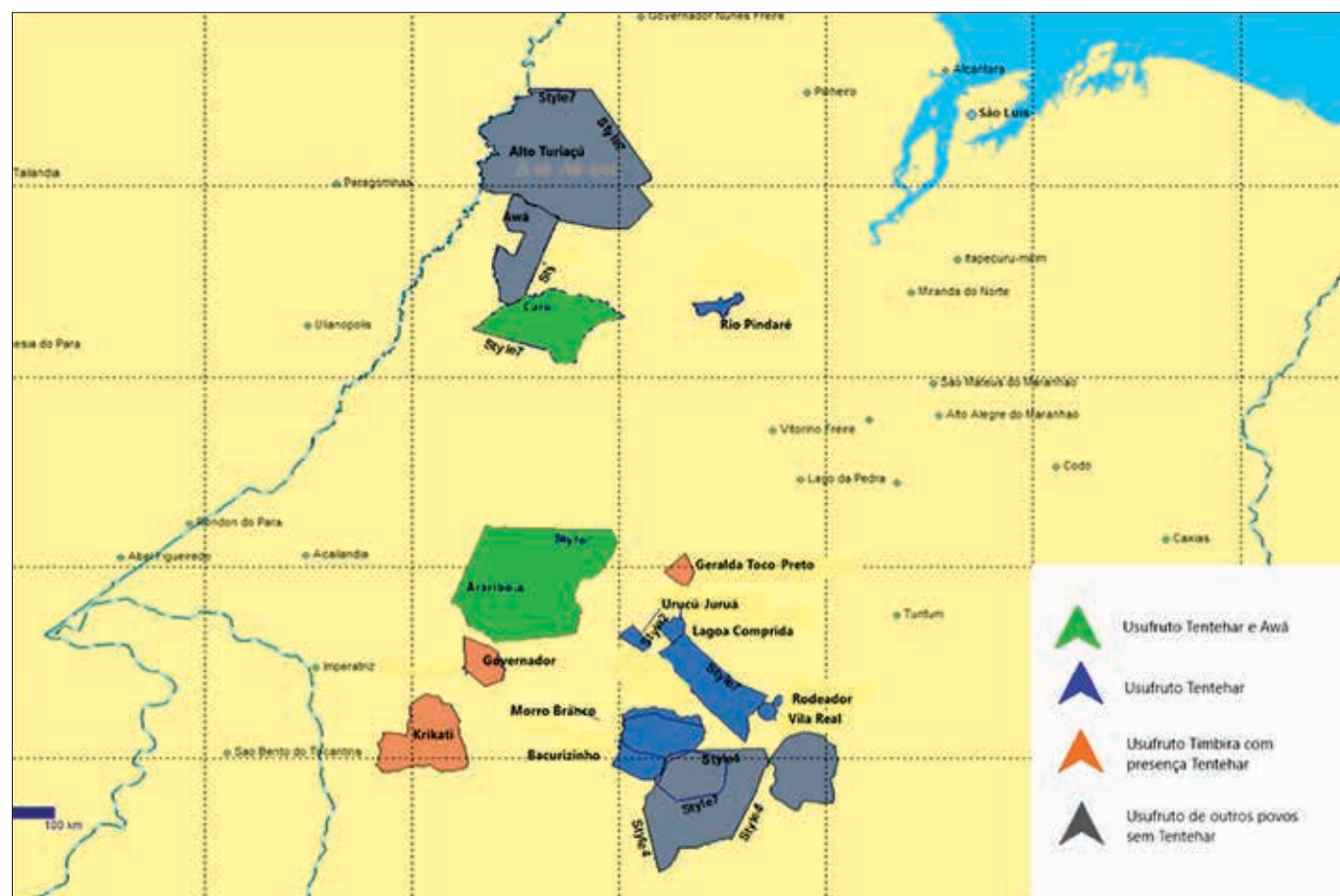
Segundos dados de 2014 (Siasi/Sesai), sua população totalizava 27.616 pessoas, distribuídas em diversas Terras Indígenas,³ conforme quadro a seguir.

³ Terras demarcadas pelo Estado brasileiro para usufruto exclusivo dos povos indígenas. A Constituição Federal de 1988, em seu Art. 231, afirma: “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. § 1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições. § 2º As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se à sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes. § 3º O aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivados com autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra, na forma da lei. § 4º As terras de que trata este artigo são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis. § 5º É vedada a remoção dos grupos indígenas de suas terras, salvo, “ad referendum” do Congresso Nacional, em caso de catástrofe ou epidemia que ponha em risco sua população, ou no interesse da soberania do País, após deliberação do Congresso Nacional, garantido, em qualquer hipótese, o retorno imediato logo que cesse o risco. § 6º São nulos e extintos, não produzindo efeitos jurídicos, os atos que tenham por objeto a ocupação, o domínio e a posse das terras a que se refere este artigo, ou a exploração das riquezas naturais do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes, ressalvado relevante interesse público da União, segundo o que dispuser lei complementar, não gerando a nulidade e a extinção direito à indenização ou a ações contra a União, salvo, na forma da lei, quanto às benfeitorias derivadas da ocupação de boa fé”.

TERRAS INDÍGENAS ONDE VIVEM OS TENTEHAR

TERRA INDÍGENA	LOCALIZAÇÃO
Cana Brava/Guajajara	Jenipapo dos Vieiras/MA
Arariboia	Amarante/MA
Bacurizinho	Grajaú/MA
Rio Pindaré	Bom Jardim/MA
Lagoa Comprida	Amarante
Urucu Juruá	Grajaú/MA
Caru	Bom Jardim/MA
Morro Branco	Grajaú/MA
Rodeador*	Barra do Corda/MA
Governador**	Amarante/MA
Krikati***	Montes Altos/MA

*Demarcada para os *Tentehar* e os *Awá* **Demarcada para os *Pukobiê*/Gavião ***Demarcada para os *Krikati* Fonte: organizado pela pesquisadora



Mapa da presença dos *Tentehar* no Maranhão. Fonte | Martins (2019)

Todas essas terras estão demarcadas, sendo que algumas delas são partilhadas com outros povos indígenas, como é o caso das terras Governador e *Krikati*, que foram demarcadas para os povos *Pukobiê* e *Krikati*, respectivamente, mas acolhem um grande número dos *Tentehar*. A Terra Indígena Caru foi demarcada para os *Tentehar* e para os *Awá*.

Esse povo tem vivenciado conflitos de grande proporção, especialmente por disputas pela terra, cabendo destaque ao denominado “Massacre do Alto Alegre”, ocorrido em 1901, no qual *Kawiré Imàn* teve destacado protagonismo.

A disputa referida envolveu, de um lado, índios *tentehar*/Guajajara e, de outro, os não índios moradores dos povoados São Pedro dos Cacetes, Alto Alegre (onde se instalou uma missão dos frades capuchinhos) e Centro do Meio (também denominado Centro do Felipe Preto). Estava em disputa a posse de parte da área que posteriormente viria a ser demarcada sob a denominação de Terra Indígena Cana Brava/Guajajara. Esta Terra Indígena está localizada nos municípios de Jenipapo dos Vieiras, Barra do Corda e Grajaú, na Microrregião do Alto Mearim e Grajaú, Maranhão. Os moradores dos povoados eram pequenos lavradores e comerciantes.

O povoado Alto Alegre foi formado a partir da instalação de uma missão de capuchinhos lombardos, que no final do século XIX fixaram-se no Maranhão com o objetivo de realizar a catequese dos índios. Os povoados São Pedro dos Cacetes e Centro do Meio formaram-se posteriormente ao Alto Alegre, basicamente constituídos por migrantes nordestinos e também por colonos oriundos do Alto Alegre. O final da década de 70 do século XX foi marcado por uma fase crítica nessa disputa. Aqueceram-se os conflitos entre índios e brancos. Nessa ocasião, a Fundação Nacional do Índio – Funai reconheceu a necessidade de intervir, procedendo a retirada dos chamados invasores, não indígenas, que habitavam os povoados Alto Alegre e Centro do Meio. No entanto, o povoado São Pedro dos Cacetes permaneceu entre as aldeias *tentehar* e este fato continuou a gerar contínuos

conflitos, que parecem ter atingido seu clímax no início dos anos 1990.

Dois acontecimentos favoreceram o acirramento dessa disputa secular. Um deles foi a demarcação da Terra Indígena Cana Brava/Guajajara, em 1977, ato que reafirmou a legalidade da posse dos *Tentehar* em relação à área em disputa; o outro foi a proposta de elevação do povoado de São Pedro dos Cacetes à categoria de município, que consta no art. 48 do Ato das Disposições transitórias da Constituinte estadual de 1989. A retirada do povoado Alto Alegre ocorreu em 1981. A de São Pedro dos Cacetes, que deveria ter ocorrido também em 1981, só foi efetivada no ano de 1996. Foram, portanto, cerca de 26 anos de disputa pela terra, disputa esta marcada pela ação de grupos culturalmente diferenciados, tendo assumido diferentes contornos ao longo do tempo.

KAWIRÉ IMÀN

Kawiré Imàn tinha um nome em português, João Manuel Pereira da Silva. Era conhecido regionalmente como João Caboré. Nasceu na região da atual Terra Indígena Cana Brava, no Maranhão.

Kawiré Imàn ocupa um lugar de destaque na memória do povo *Tentehar*/Guajajara. Há referências de que ele teria recebido do então governador do Maranhão, João Gualberto Torreão da Costa,¹ o título de nomeação para o cargo de chefe supremo dos *Tentehar*. Segundo Cruz² (1982, p. 33),

Caiuré recebeu esse título do governador que também lhe deu armas: espingardas, rifles e munições de pólvora, chumbo e espoleta, inclusive uma pequena máquina de fazer balas e cartuchos, além de tesouras, facas, canivetes, facões e serrotes pequenos; ele recebeu também alguma ferramenta de lavoura, roupas feitas e outras cousas do agrado dos índios.

Essa visita ao governador foi realizada após *Kawiré* ter sofrido violências por parte dos frades capuchinhos,

1 João Gualberto Torreão da Costa foi governador do Maranhão de 11 de agosto de 1898 a 1 de março de 1902.

2 Olímpio Cruz nasceu em Barra do Corda (MA) em 20 de outubro de 1909. Faleceu em Brasília, no dia 11 de junho de 1996. Poeta, escritor, jornalista e sertanista, publicou livros de poesia e o romance *Caiuré Imana, o cacique rebelde*, que inspirou um documentário de televisão sobre o “O massacre de Alto Alegre”, ocorrido em 1901, quando os *Tentehar* promoveram um levante contra uma missão de frades capuchinhos.

que desde 1896 dirigiam a Missão do Alto Alegre (Colônia São José da Providência do Alto Alegre), situada em terras tradicionalmente ocupadas pelos *Tentehar*. O objetivo da visita era relatar os maus-tratos sofridos e pedir apoio do governo.

Mas seu reconhecimento como grande liderança se deve especialmente ao seu protagonismo na revolta de 1901, que foi divulgada pelos brancos como “Massacre do Alto Alegre”, e pelos *Tentehar*/Guajajara como “tempo do Alto Alegre”. Este conflito costuma ser apontado como a ocorrência mais violenta nas relações entre os *Tentehar* e brancos na região. Darcy Ribeiro, citando Froes de Abreu (1979, p. 124), assim descreve esse acontecimento:

Em 1901, cinco padres franciscanos e nove freiras que dirigiam uma missão de catequese dos índios Guajajara, em Alto Alegre, Município de Barra do Corda no Maranhão, foram trucidados pelos índios revoltados com a separação de pais e filhos, moças e rapazes. A represália imediata, contra inocentes e culpados, revestiu-se de requintes de crueldade da parte de sertanejos e índios Canelas, para isto aliciados. Vinte anos depois, os índios remanescentes da missão de Alto Alegre ainda escondiam sua identidade, apavorados com o que lhes poderia suceder, se fossem descobertos.

No entanto, o fato apontado pelos *Tentehar*/Guajajara como deflagrador do ataque foi a prisão de Kawiré, que havia sido acusado pelos frades de bigamia. Os frades eram contra a poligamia, assim como o casamento não abençoado pelo ritual católico e encaravam esses costumes como escandalosos.

Gomes³ (1977, p. 47) descreve que Kawiré, como punição pela bigamia, ficou quatro semanas acorrentado, ora pelos braços, ora pelos pés, ora pelo pescoço. Um *tentehar*, morador da aldeia Coquinho, situada na Terra Indígena Canabrava, confirmou a descrição de Gomes sobre a prisão, referindo-se a Kawiré como Caboré:

O padre disse: vem cachorro, agora que tu vem⁴ chegando heim? Aqui se conta que você tem outra mulher, sendo casado no pé do padre? Ele não negou, disse: sim

3 Mércio Pereira Gomes, antropólogo, professor da Universidade Federal Fluminense. Realizou seis meses de trabalho de campo junto aos *Tentehar*, no âmbito da pesquisa que subsidiou sua tese de doutorado defendida em 1977 na Universidade da Flórida, USA.

4 As narrativas foram reproduzidas com fidelidade, sendo mantidos os erros gramaticais.

senhor, tenho sim senhor. Aí o padre chamou o Atanásio e disse: Atanásio pega aquela corda acolá, traz aqui. Lá o Atanásio traz a corda e ele manda passar na cumieira da casa. O Caboré, agarram ele, viraram a cabeça de capitão Caboré pra baixo e o papo pra cima e botaram um tamborete pra encostar a cabeça dele. Passou o resto do dia dependurado, aquela noite e no dia seguinte foi que soltou, ficou lá, tava (sic) todo inchado, por que tava de cabeça pra baixo, o sangue desceu todo pra cabeça (Entrevista em 1980).

Esse mesmo episódio foi descrito numa publicação de Santos et al. (1991, p. 30), apontado como a causa imediata que teria levado ao ataque.

Caboré soube que sua mulher Lúcia havia sido expulsa do Alto Alegre. Lúcia era sua segunda esposa. Ocorre que, anteriormente, ele havia casado, segundo os preceitos da Igreja Católica, com uma brasileira e os frades não aceitavam a poligamia, natural entre os índios. Como Caboré insistisse em continuar com Lúcia, foi preso por alguns dias em um quarto, acorrentado ora pelos pés, ora pelos braços, ora pelo pescoço. Ao ser posto em liberdade, Caboré prometeu vingar-se, iniciando contatos com vários líderes indígenas para conseguir adeptos ao seu plano.

Os *Tentehar* se referem à prisão de Kawiré como violenta. O tratamento humilhante que ele teria recebido dos frades e dos policiais representou para os *Tentehar* a forma desrespeitosa com que eram tratados pelos brancos. Kawiré era uma liderança respeitada pelo seu povo. Sua prisão expressou a violência da interferência dos frades nos seus hábitos e costumes.

A versão dos *Tentehar* para o ataque inclui também o apoio que teriam recebido do governo estadual para efetuarem as mortes. Segundo informam, após ser libertado da prisão, Kawiré teria ido a São Luís fazer queixas ao governo relativas às ações dos frades. Ao retornar à aldeia, arregimentou índios que tinham filhos no internato dos frades, buscando apoio para executar o ataque. A sugestão de matar os frades, segundo depoimentos de alguns *tentehar*, teria partido do próprio governo.

Aí o governo disse: capitão Caboré, o único meio sabe o que é? É você assassinar esses capuchinhos, mas

não mexa com as irmãs, deixe as irmãs, deixe as moças cristãs, o sacristão não mexa, só eles (Entrevista em 1980).

Para Gomes (1977) não ficou claro como João Caboré e Manuel Justino, os dois *tentehar* que foram acusados como líderes da revolta, teriam organizado tantas pessoas e planejado o ataque. Na sua opinião, os documentos não são suficientes para que se perceba que tipo de aliança eles teriam feito para obter suporte para tal empreitada. A acusação judicial contra os *Tentehar* aponta o envolvimento de 34 nomes e seis aldeias. Gomes considera possível que todas as aldeias da região, que fica entre o Alto-Mearim e o Alto Grajaú, e mesmo as do alto Zutiua estivessem envolvidas no ataque, e levanta a possibilidade de existirem índios timbira⁵ envolvidos, porque parte deles também tinha filhos no internato. Por outro lado, refere-se a chefes de famílias *tentehar* que, não concordando com a proposta do ataque, teriam abandonado suas aldeias antes que ele se concretizasse.

Um incidente é relatado como aquele que precipitou o massacre. Em janeiro de 1901 houve uma epidemia de sarampo no internato mantido pela missão capuchinha e, de 84 meninos e 22 meninas do colégio, 28 meninos e 22 meninas morreram, em meio aos gritos de desespero de suas mães. O discurso de Kawiré é assim reproduzido por Cruz (1982, p. 43):

Não era mais possível, disse Cauré, aturar tanto abuso praticado pelo pessoal da missão estrangeira que queria escravizar a todos, pois responsáveis pela catequese – frades, freiras e professores – enfim, todos os residentes ali, que não os da sua raça, queriam, enfim, encaixar nas cabeças dos índios que deviam levar a vida de outra maneira e não como eram ou deveriam ser. Eles queriam tudo ao contrário do que a tribo queria. Não podiam mais possuir três ou quatro mulheres, queriam mudar a língua, mediante a obrigação da leitura dos livros deles que só tinham de bonito algumas figuras. Além disso, ainda pretendiam mudar os costumes. Diziam que os índios não eram mais os legítimos donos das terras em que moravam. Certas pessoas constavam que as indiazinhas que adoeceram no Internato teriam

5 Timbira, grupo linguístico que Rodrigues classificou na família Jê, tronco linguístico Macro-Jê, que reúne as línguas dos Canela (Ramkokamekra e Apâniekra), Krinkatí, Pukobyé (Gavião do Maranhão e Kreyê) no estado do Maranhão, assim como dos Parakáteye (Gavião do Pará), no estado do Pará, e dos Krahô, no estado de Goiás (RODRIGUES, 1986, p. 47).

morrido envenenadas. As mesmas foram sepultadas sem a presença dos pais, privadas do ritual das tradições e crenças. O perigo [...] não se estendia somente à sua taba e outras vizinhas; também ameaçava todas as que ficavam ao longo do Mearim, Grajaú e Pindaré ou até mesmo para as mais distantes.

É importante destacar que a Missão do Alto Alegre não foi a primeira a se instalar naquela região.⁶ Já havia a experiência negativa para os *Tentehar* da colônia *Dous Braços* que, embora não tenha assumido proporções tão trágicas quanto a missão do Alto Alegre, onde o conflito se transformou em guerra, ficou negativamente registrada na memória desse povo.

A colônia indígena *Dous Braços* foi instalada em 1874 com o objetivo de reunir os *Tentehar* que viviam em aldeamentos distantes uns dos outros e chamá-los “ao trabalho comum e aos hábitos sociais”. Um incidente ocorrido durante a gestão do diretor frei Antonino de Reschio é ilustrativo de como os frades tratavam os *Tentehar*. Em outubro de 1879, após manter três *tentehar* presos por solicitação do diretor da colônia, o delegado de polícia de Barra do Corda soltou-os e mandou-os apresentarem-se ao referido diretor que se encontrava naquela cidade. O frade não gostou da ação do delegado e prestou queixas ao chefe de polícia da província que, por seu lado, pediu explicações ao delegado. Em resposta ao chefe de polícia, o delegado assim se pronunciou:

Eis a minha falta, se falta houve em não querer segundar o revdmo. Capuchinho na perseguição e no massacre das suas vítimas, procedimento este incompatível com o caráter paternal e evangélico de quem deve estar revestido como frade e como director de uma colônia de índios (Of. do delegado de polícia de Barra do Corda ao chefe de polícia interino da Província, 07/12/1879).

Desgostosos com o sistema implantado na colônia, os *Tentehar* foram aos poucos fugindo, enquanto outros foram sendo expulsos por indisciplina. As fugas e a

6 A presença dos franciscanos no Maranhão remonta à chegada dos franceses, em 1612. Primeiro vieram Claude d’Abeville e Yves d’Evreux. Exerceram seu trabalho de catequese acima de qualquer injunção estatal, até serem expulsos, juntamente com outras ordens, pelo marquês de Pombal. No século XIX, pelos anos 20 e 30, reuniram alguns povos indígenas em missões. Na década de 40 vieram, por solicitação do governo, evangelizar o interior da província. Até meados dos anos 80 estiveram, de forma isolada, dirigindo algumas colônias indígenas e diretorias parciais, a rogo do governo provincial.



indisciplina representavam a guerra simbólica deflagrada pelos *Tentehar*.

A memória de Silvaninho Guajajara, um *Tentehar* já falecido, que em 1998, quando o entrevistei, tinha 83 anos e vivia na aldeia Colônia, é repleta de episódios dos tempos da colônia *Dous Braços*, que ele chama, simplesmente, de “colonha”. Suas recordações se baseiam principalmente nas narrativas feitas pelo seu pai. Ele lembra da polícia indígena, instituída pelo diretor frei José, para prender índios que se afastavam da colônia por qualquer motivo, até mesmo para caçar ou pescar.

Ele castigava também. O pessoal acharam bom ele ir embora daqui porque o pessoal nunca disseram, mas eu tô sabendo porque o meu pai contava, porque ele mandava, aquele que não queria ouvir, ele obrigava, pegavam ele, amarravam e traziam. Ele num queria deixar a aldeia dele, então era obrigado ele vir, os pessoal obrigavam. Tinha soldado indígena aí pra ir buscar os outros (Cacique da aldeia Colônia, entrevista em out. 98).s

A imagem do frei José construída por esse senhor é bastante desfavorável. Para ele, uma das piores coisas da colônia era a obrigação de participar dos trabalhos, mesmo contra a vontade.

ver Figura 2
pág. 58

O frade mandava prender aqueles que resistissem à catequese e ao trabalho da lavoura, assim como mandava arrebanhar aqueles que se encontrassem escondidos pela mata. Esses fatos marcaram profundamente a relação entre os *Tentehar* e a sociedade brasileira e foram reproduzidos com a experiência da missão do Alto Alegre.

Kawiré destacou-se por dar uma dimensão coletiva à sua luta. Diante das perseguições e dos maus-tratos que sofreu, decidiu lutar contra o processo de catequese que vinha sendo executado pelos capuchinhos, que transcendia as questões religiosas e afetava toda a vida dos *Tentehar*.

O jornal *A Turma da Barra*⁷ assim descreveu a ação de arregimentar seu povo, efetivada por Kawiré:

Caboré convoca todos a marchar contra a povoação de Alto Alegre e suas redondezas e matar a gente que não pertencia à tribo Guajajara. Como visto, no discurso de Caboré, ele utiliza elementos de falha dos frades no seu processo de catequização, o sentimento etnocêntrico destes, toca na questão da invasão das terras após a chegada dos missionários, também cita outros problemas que estavam a desagradar várias aldeias, tudo para instigar a animosidade já existente dos índios em relação aos frades. Ele, se utilizando da renegação da cultura indígena pelos frades, vem a favor da proteção aos costumes Guajajaras, conclamando todos a se levantarem contra os brancos. Naquela noite os índios cantam e dançam ao redor da fogueira, excitados pelo som dos maracás, sons típicos de uma vigília de guerra, alcoolizados, os índios preparam-se para o ataque a São José da Providência (<http://turmadabarra.com/histo6.htm>. Acesso em 04/02/2018).

A saga de Kawiré, por sua importância, foi tema de filme, de trabalhos acadêmicos e de livro documentário. Em sua monografia de conclusão de Licenciatura em História pela UEMA, Guedelha descreve Kawiré como um dos mais bravos guerreiros da tribo.

[...] criado por uma família de brancos, posteriormente passa a viver entre os seus e a habitar a colônia de São José da Providência, ele lidera o bem planejado ataque à colônia, após algumas desavenças com os frades. O Caboré nasceu nas grandes florestas da Serra Branca, mais precisamente na aldeia do Jacaré. Ainda criança foi recolhido por uma distinta família de Barra do Corda, os Rodrigues. Desde jovem mostrava-se ativo e inteligente, despertando cedo o desejo pela vida errante nas florestas, partindo para junto dos seus aos doze anos de idade. Tornou-se em pouco tempo um dos mais bravos guerreiros da tribo Guajajara, sendo admirado e respeitado por todos (<http://turmadabarra.com/histo6.htm> 04/02/18. Acesso em 22/02/2018).

Cruz (1982), no livro *Cauré Imana, o cacique rebelde*, descreve Kawiré como um “tuxaú” valente, astuto. Afirma que na época do “massacre” ele teria cerca de 40 anos. O mesmo autor faz referência a um sonho que Kawiré relatou aos demais *tentehar* que o seguiam em uma expedição de caça. Este sonho expressa o desejo de

Foto de Silvaninho Guajajara.
Aldeia Colônia, 1998.
Fonte | Acervo da pesquisadora

⁷ O jornal *Turma da Barra* foi fundado em 1989 na cidade de Barra do Corda (MA).

Kawiré lutar contra o que considerava ser o extermínio de seu povo.

Contou então Cauré que essa viagem fazia parte do plano de libertação da sua raça, ameaçada de ser escrava. Ele precisava lutar contra o extermínio. Precisava lutar para afastar de suas terras aquele bando de invasores que lá estava se apoderando de tudo o que era dos índios, somente deles (CRUZ, 1982, p. 29).

A editora do Senado Federal publicou o livro intitulado *O Massacre do Alto Alegre*, do Padre Bartolomeo da Monza, traduzido por Sebastião Moreira Duarte. No prefácio que fez para a publicação deste livro, o jornalista Antonio Carlos Lima, natural de Barra do Corda, referiu-se ao medo que marcava a relação dos brancos com os índios:

O medo dos índios foi um sentimento que perdurou. Minha primeira lembrança é de olhar, pela fresta da porta de minha casa, a fila de índios que entrava em Pinheiro, enquanto todos se escondiam e fechavam suas casas e minha mãe nos chamava para dentro. Mas eles vinham em paz, para buscar mantimentos, como sempre faziam quando a caça e a coleta dos produtos florestais escasseavam.

Segundo Gomes (1977, p. 52), uma das principais consequências do “tempo do Alto Alegre” foi deter o processo de perda da terra pelos *Tentehar*. Esse processo estava em ascensão, na medida em que um número crescente de camponeses brasileiros imigrava para essa região e ia ocupando as terras dos *Tentehar*. Com o clima de animosidade criado, ou pelo menos a suspeita da cobiça dos brasileiros, os *Tentehar* tiveram condições de formar uma ideologia de frente unida do tipo *nós contra os brasileiros*.

O “tempo do Alto Alegre” marcou as relações entre os *Tentehar* e os brancos no Maranhão, inclusive devido à forma como o evento foi explorado pela Igreja. Até os dias atuais podem ser observadas, nas paredes da Igreja Matriz de Barra do Corda, fotografias das freiras e dos frades que foram mortos no conflito, que são cultuados como mártires.

Após o chamado “massacre do Alto Alegre”, a repressão aos *Tentehar* foi violenta. Eles permaneceram no Alto Alegre e lutaram contra dois ataques policiais oriundos de Barra do Corda. Embora não haja registro da quantidade de mortos, sabe-se que foram muitos, entre os *Tentehar*, policiais e índios canela (GOMES, 1977). Os Canela haviam sido recrutados para auxiliar na repressão



Foto da fachada da igreja de Barra do Corda (MA), com imagens dos frades e das freiras mortos no Alto Alegre (1998).
Fonte | Acervo da pesquisadora

e conseguiram romper o cerco *Tentehar*.⁸ Nessa ocasião, os *Tentehar* se dispersaram, porém, cerca de cinco anos depois, grande parte dos que haviam fugido retornou aos seus locais de origem.

O retorno aos locais de origem demonstrou a necessidade de retomar suas vidas no espaço que entendiam como seu território. A animosidade entre os *Tentehar* e os brasileiros permanece até hoje, ocasionando frequentes conflitos.

Kawiré foi preso no final de maio, juntamente com os outros líderes da rebelião, na cadeia de Barra do Corda. Faleceu em 13 de novembro de 1901, oficialmente vitimado por febres paludes. Entretanto, há polêmica sobre sua morte, pois foi difundida a suspeita de que ele

⁸ Segundo William Crocker, antropólogo americano que estudou os Canela por mais de 50 anos, esses índios não tinham nenhuma história anterior de guerra com os *Tentehar*. No entanto, alguns documentos que consultei referem-se aos Canela como tradicionais inimigos dos *Tentehar*.

teria morrido em decorrência dos maus-tratos sofridos na cadeia.

Cruz (1982, p. 92) é partidário da versão de que Kawiré sofreu maus-tratos na prisão. Afirma que foi instaurado um inquérito, sendo Kawiré o primeiro a ser ouvido nos longos interrogatórios, e o mais acusado, por ser considerado o cabeça do movimento.

Já condenado, depois de mais de dois anos, o chefe guajajara, com o corpo todo inchado e as faces arrochadas pelas servícias, não resistiu e morreu na cadeia pública da cidade, no suspiro de um deus vencido.

O “Massacre do Alto Alegre” foi tema de um filme produzido por Murilo Santos. No Blog “Olhar Panorâmico”, de Nirton Venâncio, pode ser lido o comentário abaixo sobre o filme:

Domingo, 13 de março de 1901. O dia amanhece em Alto Alegre e o sino da capela anuncia a missa das seis horas. Na igreja estão reunidos os frades, as freiras, famílias de trabalhadores da Missão Capuchinha e as meninas do internato, a maioria índias. No instante em que o padre que conduz a celebração ergue a hóstia, uma flecha lhe atravessa o corpo. Dezenas de índios, armados de espingardas, flechas e facões, assaltam a igreja e, logo depois, as residências do povoado, matando cerca de 200 pessoas.

O incidente em Alto Alegre ficou conhecido como o maior massacre de brancos praticado por índios em toda a história do Brasil, muito embora, na represália que se seguiu, os brancos tenham exterminado aproximadamente 400 índios.

O documentário “O massacre de Alto Alegre”, de Murilo Santos, que será exibido hoje, às 23 horas, pela Rede Pública de Televisão, dentro do Programa DocTV II, procura refletir sobre a violência física e simbólica contra o povo *Tentehar*/Guajajara, perpetrada pelo Estado brasileiro, que acreditava na ação civilizatória da Igreja Católica para integrar os chamados selvagens à vida nacional. Um massacre que se origina na intolerância cultural e religiosa, no etnocentrismo, na suposta superioridade da cultura branco-cristã. Um massacre decorrente do desrespeito à diversidade cultural, em um momento em que o Estado brasileiro se consolida, ancorado nas ideias de ordem e de progresso. Embora as conjunturas históricas tenham variado, nas relações entre brancos e *Tentehar*/Guajajara permanecem os fundamentos da intolerância,

fazendo com que as marcas do conflito de Alto Alegre se façam sentir até hoje na região de Barra do Corda, no estado do Maranhão (<http://olharpanoramico.blogspot.com.br/2006/04/o-massacre-de-alto-alegre.html>)

O cartaz de divulgação do referido filme, disponível na internet, traz em destaque o personagem Kawiré, com o corpo pintado de genipapo.



Cartaz de divulgação do filme O massacre de Alto Alegre
Fonte <http://omassacredealtoalegre.nafoto.net/photo20060413203012.htm>.
Acesso em 04/02/18

Este filme gerou polêmica entre alguns *Tentehar* que o consideraram parcial por favorecer a imagem da missão religiosa no episódio ocorrido em Alto Alegre. Embora o filme apresente a versão dos *Tentehar* sobre o que aconteceu e depoimentos em que exponho os motivos pelos quais eles teriam atacado a missão, a força simbólica das cenas do filme em que parte desse povo assassinou frades, freiras e demais presentes na igreja acabam por se destacar aos olhos dos *Tentehar*. Em sua opinião, o filme apresentaria uma imagem distorcida deste povo como selvagens assassinos.

As repercussões de Tempo do Alto Alegre podem ser percebidas pela ampla divulgação que obteve. Ao digitar “Massacre do Alto Alegre” no Google, inúmeras páginas e links estão disponíveis com informações sobre o ocorrido.

Em Barra do Corda, a cada ano, no dia 13 de março, os frades capuchinhos celebram a memória daqueles que denominam de os mártires de massacre. Por outro lado, nas aldeias *tentehar* da Terra Indígena Cana Brava, as novas gerações cultuam a memória do grande líder Kawiré, responsável em grande medida pela continuidade do povo *Tentehar*.

considerações finais

O protagonismo de *Kawiré Imàn* em defesa de seu povo é ilustrativo da luta que os *Tentehar* têm empreendido pela sua sobrevivência étnica. A trajetória deste líder é reverenciada pelo seu povo e exerceu grande influência sobre dinâmicas de luta pelo território e pela etnicidade que foram protagonizadas posteriormente ao tempo de *Alto Alegre*.

A retirada da Missão do Alto Alegre do território dos *Tentehar*, que ocorreu em 1981 e foi seguida pela retirada do povoado São Pedro dos Cacetes, em 1998, expressam a capacidade de luta desse povo. A luta em defesa do território desdobrou-se em diversos confrontos, no tempo e no espaço, enfrentando uma missão religiosa, o avanço de frentes de expansão, a instalação de uma rede de energia elétrica, a criação de um município, dentre outros.

Ao longo desses processos, inspirados na força simbólica do protagonismo de *Kawiré Imàn*, os *Tentehar* continuam demarcando suas fronteiras étnicas e territoriais. Este povo tem demonstrado grande capacidade de enfrentar diferentes estratégias de colonialidade e assegurar sua existência como um povo que cresce e se mantém firme na luta por sua liberdade.

referências bibliográficas

ALMEIDA, E. R. M. A política vai à festa. Sagacidade e estratégia tentehar nas relações interétnicas. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2019.

COELHO, E. M. B. Territórios em confronto: a dinâmica da disputa pela terra entre índios e brancos no Maranhão. São Paulo: Hucitec, 2002.

CRUZ, O. *Cauré Imana, o cacique rebelde*. Brasília: The-saurus, 1982.

GOMES, M. P. The Ethnical Survival of Tenetehara Indians of Maranhão. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade da Flórida, 1977.

GUEDELHA, M. S. Massacre do alto alegre: bênção e dor, fé e sangue no sertão maranhense. Monografia (Conclusão de curso de Licenciatura em História) – Universidade Estadual do Maranhão/UEMA.

MARTINS, L. Os filhos de Maíra: territorialidade e alteridade entre os tentehar “da Arariboia” (Dissertação de Mestrado em Antropologia) – PPGAS, Universidade de Brasília, 2019.

RIBEIRO, D. Os índios e a civilização. Petrópolis: Vozes, 1979.

RODRIGUES, A. D. Línguas brasileiras para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

SANTOS, P. B. et al. O massacre de Alto Alegre. São Luís: IPES, 1991.